



iconografia

“Ohwaha Sáliba”

Rita de Cácia Oenning da Silva*



Imagem 1: Crianças sáliba banhando-se no riacho.



Imagem 2: Crianças pegando carona com um moto-táxi.

* Doutora em Antropologia Social/UFSC. Co-diretora Shine a Ligh. Membro Grupo Gesto/UFSC. oenningdasilva@gmail.com



Imagem 3: Don Evaristo Catimay, Reserva Concejal, produzindo a flecha enquanto está sendo filmado.



Imagem 4: Preparação do sibucán na Reserva San Juanito por Tobias Guacarapare



Imagem 5: Sr. Juan Joropa mostrando uma erva usada na medicina sáliba.



Imagem 6: Grupo da reserva San Juanito mostrando a brincadeira “El Gato y el Ratón”.



Imagem 7: Meninas sáliba, da Reserva Concejal, estudando.



Imagem 8: Crianças sáliba, filhos de Samuel Joropa e Marta Catimay (Foto de Neider Joropa, 10 anos).

Final de outubro de 2007. Chegávamos entre os Sáliba¹, povo indígena de família linguística Sáliva-Piaroa, da planície colombiana (Llanos²), situados mais precisamente nas reservas próximas do rio Meta, no município de Orocué, Estado de Casanare, Colômbia. Depois de trabalharmos com jovens fugitivos da guerrilha colombiana em Bogotá, seguiríamos a convite de alguns líderes sáliba para realizar um trabalho com as crianças. A viagem tinha a tensão do desconhecido. Quais os perigos de dois estrangeiros viajarem sozinhos para a região campesina da Colômbia, local onde se concentrara a guerrilha há anos? Como seriam os Sáliba? Como seria possível um trabalho de vídeo com os mesmos? Íamos acompanhados de um líder sáliba. Aquela era uma longa viagem noturna, por uma estrada de buracos gigantescos, saindo de Yopal, capital de Casanare, em direção a Orocué. Pelo caminho, alguns soldados pararam o ônibus para vistorias, ocasionando mais tensões durante a viagem. Depois de um lindo amanhecer nas planícies, chegamos numa pequena vila, onde nos esperavam, num centro comunitário, professores e lideranças sáliba. Cedo pela manhã conversamos sobre o projeto de vídeo a ser desenvolvido.

O intuito de Heraldo Horopo, o líder sáliba que nos contatou, era de produzirmos com as crianças residentes nas reservas sáliba um material videográfico ao modelo do *Statel Stuk*, feito com os Maya de Chiapas, México, numa parceria da Shine a Light com a organização não-governamental maya *Melel Xojobal*³. O que fez Heraldo buscar meios para produzir um material sobre seu povo foi o fato de que se enfrentavam com um dilema: o contato com o mundo fora das reservas, que vem sendo uma constante entre os Sáliba desde o século XVII. Desde o contato com os missionários, bem como a entrada dos serviços do estado e seus benefícios (escola, sistema público de saúde, cesta básica), provocaram mudanças que fizeram os Sáliba afastarem-se gradativamente do uso da língua sáliba e de hábitos ancestrais em seu cotidiano. Embora os Sáliba sejam conhecidos como negociadores com outros povos e tenham demonstrado, desde o princípio do contato conosco, gostar de interagir com produtos culturais e com o modo de vida moderno (inclusive alguns deles frequentam universidades), não querem perder o seu próprio modo de vida, sua língua, seus rituais etc. Estavam cientes que a perda da língua implica perder muito mais, conforme afirmou um dos professores sáliba, quando chegamos. Os Sáliba que nos contataram pretendem reavivar o uso da língua nas reservas, mantendo-se bilíngues; queriam produzir um material bilíngue sobre si mesmos, em espanhol e sáliba, que auxiliasse as crianças que frequentam a escola (cujo ensino era ainda em espanhol) a falar o

idioma nativo. Embora nos anos 1980 os Sáliba tivessem conquistado o direito a escolas nas reservas, foi somente nos anos 2000 que conseguiram com que os professores destas escolas fossem, em maioria, membros da comunidade sáliba. Isso mudou a dinâmica da escola e eles queriam aproveitar a situação para voltar a falar a língua sáliba entre as várias gerações. Antecipando-se ao movimento em prol do direito ao uso da própria língua nativa nas escolas indígenas, os Sáliba propunham fazer algo concreto que os auxiliasse nesse processo, já que percebiam o forte interesse das crianças pela tecnologia, mas com a desvantagem que grande parte da tecnologia é acessada em outras línguas que não o sáliba.

Estivemos em três reservas: Concejal, Duya e San Juanito, locais onde realizamos o trabalho de vídeo articulado entre os líderes, os professores locais, as crianças sáliba, especialmente as frequentadoras das escolas presentes em cada uma das reservas e suas famílias. Os Sáliba foram bastante acolhedores, nos receberam com curiosidade e, em geral, com um tom bastante descontraído, fazendo piadas jocosas sobre “gringos”. Bebês, crianças, jovens, adultos e anciãos⁴ estavam presentes nos eventos de gravação. Nos locais onde estive, geralmente, as pessoas falavam a língua sáliba em casa, especialmente os adultos entre si e com os mais velhos, mas com as crianças e entre as crianças predominava o espanhol, já que elas foram inseridas nas escolas, onde se ensinou por anos somente em espanhol. Alguns adultos mencionaram o fato de as crianças demonstrarem certa vergonha em falar “*la lengua*”. Explicaram que isso se deu quando as escolas foram criadas nas reservas, pois os profissionais contratados combatiam o uso da língua nativa por não a entenderem.

Os onze dias que estivemos com os Sáliba foram de imensa troca, resultando numa produção videográfica interessante e reveladora do modo de vida e dos *mistérios*⁵ sáliba. Em “Ohwaha Sáliba”, traduzido como “Imagem Sáliba”, apresento imagens fotográficas produzidas durante a viagem às reservas.

Entendo que “[a] fotografia [e eu diria, a videografia] explicita esta mistura feliz de informação, acaso, estética e intenção” (Bellof, 1985 *apud* Novaes, 1998), e que “[ela] fala claramente não apenas sobre o objeto fotografado [filmado], mas, de modo igualmente evidente, sobre a cultura e os estilos de vida de quem opera a câmera. (Novaes, 1998, p. 117). Assim, as fotos foram compondo uma narrativa iconográfica sobre a viagem entre os Sáliba. O trabalho foi feito numa parceria entre a *Shine a Light*, organização não-governamental que trabalha com ensino de mídia digital entre crianças, e a Asociación de Autoridades Indígenas Sáliba de Orocué, Casanare.

Caha - Água que nasce na fonte

As reservas sáliba ficam próximas do rio Meta, um dos braços do rio Orinoco, da Colômbia/Venezuela, conhecido por sua largura e importância no suporte da população regional. A água é um importante elemento na vida sáliba, os quais têm enorme respeito por ela, já que nela se encontram os *fainohdu*, espíritos da natureza a quem os Sáliba dirigem seus rezos e cuidados com constância. O conhecimento sáliba considera a agência da natureza e do mundo dos espíritos em relação à agência humana. Para fazer extração de qualquer fruta, para caçar, para pescar, devem pedir permissão a esses seres. Um recém-nascido deve ser apresentado, em primeiro lugar, à água. É na água que crianças adoram divertirem-se, nadando, brincando, banhando-se alegremente. No dia em que fomos ao riacho lavar o *sibucán*⁶ para com ele preparar o *casabe*, pão típico feito de aipim, as crianças aproveitaram para se banhar (imagem 1).

Bulea - O movimento do ir e vir

Por hábito e por dispor de poucos recursos para investir em transporte terrestre, os Sáliba caminham muito de uma reserva à outra e, frequentemente, das reservas à pequena vila de Orocué. Eles usam também motos e bicicletas para fazer trajetos mais longos ou para viagens rápidas. Dentro de cada reserva, normalmente, caminham por trilhas estreitas que dão acesso de uma casa à outra, às escolas, campos de futebol, casa de parentes, amigos e demais moradores das reservas. A foto onde as crianças pegam uma carona com o moto-táxi (imagem 2) foi tirada no dia em que estávamos filmando como se faz um *sibucán*.

Queleajaha - Fazeres e Saberes

Os Sáliba se dedicam a fazer bem seus artesanatos. Na foto, o ancião, Sr. Evaristo Catimay, está fazendo uma flecha para a pesca e a caça (imagem 3). Esse processo foi filmado pelo grupo de crianças da reserva Concejal, que também assistia com atenção o fazer artesanal. Don Evaristo, como é chamado, prepara a flecha com cuidado para que fique funcional e “bem bonita”, mostrando visível interesse pela estética do artesanato.

O *sibucán*, outra peça artesanal sáliba, usada no preparo de fari-nhas, também é feita com zelo e é usada nas casas com frequência, já que na culinária sáliba estão presentes produtos feitos de farinha de *yuca*. Num primeiro plano (imagem 4), vemos o *sibucán* e ao lado uma jovem sáliba, que provavelmente usará o utensílio para produzir *casabe*, pão sáliba, já que cabe às mulheres jovens essa tarefa.

Ballamaxahdajaha - Curar, cuidar-se

Entre os saberes cotidianos, o uso de ervas, folhas, cascas e raízes de árvores e arbustos, bem como de rezos, são comuns como métodos de cura. Entre os profissionais de saúde sáliba estão: 1) a parteira ou parteiro que acompanham as mulheres grávidas, auxiliam na hora do parto e orientam nos cuidados que se deve ter com o recém-nascido; 2) o rezador curandeiro, que costuma receitar a medicina sáliba e fazer o rezo adequado para cada tipo de doença que afeta os Sáliba; e, 3) o chupador, que pode fazer o mesmo que o rezador curandeiro, mas que também tem o poder de sugar com a boca a doença do enfermo. Sr. Juan Joropa⁷ (imagem 5), que orientou o documentário sobre Medicina Sáliba, embora não fosse definido como curandeiro, era procurado para executar todos os procedimentos de cura e os rezos. Disse que optou por não assumir o *status* oficial de curandeiro ou chupador, pois este exigiria seguir dietas alimentares e sexuais, bem como manejar constantemente o uso de bebidas alcoólicas para se relacionar com os espíritos, aspectos que ele não pretendia cumprir.

Nee - Crianças e seus risos

Uma das características que observei entre as crianças sáliba é a atenção que empenham quando precisam aprender algo. Outra é o riso fácil, a constância de brincadeiras, jogos e a espontaneidade das relações que estabelecem entre elas. Era fácil avistá-las agindo de modo jocoso nas brincadeiras entre si e com os animais que as cercavam, mostrando intimidade com eles. Rapidamente passaram a se interessar pelo aprendizado do uso da câmera fotográfica e da filmadora que tínhamos levado para realizar os documentários. A foto (imagem 6) mostra o grupo de crianças da Reserva San Juanito na brincadeira “*El Gato y el Ratón*”, para filmarmos.

Jisi e Johdi- O encontro do eu no outro

Os Sáliba dedicam-se a aprender muitas coisas além da sua própria cultura e as crianças são consideradas aquelas que devem estudar mais, pois os adultos entendem que disso depende o futuro dos moradores das reservas. Por isso nos chamaram para fazer os documentários. As crianças são alvo de especial atenção por parte de seus professores e familiares no que se refere à sua formação. Elas são envolvidas nas tarefas cotidianas da casa, mas também nas atividades escolares, especializando-se cada vez mais no sentido de dar-lhes uma educação sáliba que não se restrinja aos conhecimentos locais. Conhecimentos de vários âmbitos circulam entre os Sáliba, que têm interesse por arte, tecnologia, por conhecer outros grupos indígenas, por geografia, ecologia, agronomia etc. A foto (imagem 7) mostra a menina que, na ocasião de minha chegada à reserva, me olhava atentamente por muito tempo e sorria, mostrando-se feliz. Ao perceber que eu notara a atenção especial dada a mim, uma das mulheres presente disse que ela gostou de mim porque eu parecia com ela. “É que ela está feliz por achar uma pessoa que têm os olhos verdes como os dela. Ela nunca viu mais ninguém com essa cor de olhos e está feliz porque se sente igual a você. Vai pensar que é sua filha... o pai dela não é da reserva e tem olhos claros”. Depois da explicação da senhora, a menina sorriu para mim mais uma vez, agora de modo ainda mais aberto.

Ohwaha Sáliba - imagem dos Sáliba

Durante o período em que estivemos em contato com os Sáliba, em alguns momentos deixei a câmera fotográfica à disposição das crianças e dos jovens. Entre os conhecimentos que os Sáliba nos mostraram produzir, destaco a capacidade de fazer imagens belas. Tanto a filmagem dos documentários apresenta uma estética bem local como também algumas fotografias ficaram muito bonitas. A foto feita por Neider Joropa, uma menina de 10 anos moradora da Reserva Concejal, auxiliada pela luz do entardecer, mostra a capacidade de focar e de enquadrar, produzindo uma imagem de imensa beleza que captura a alegria e a espontaneidade que encontrei entre as crianças (imagem 8).

Notas

¹ Fui com Kurt Shaw, diretor da *Shine a Light*, organização com a qual realizava alguns projetos videográficos na época e na qual trabalho atualmente. Dessa viagem, tivemos como resultado vários documentários bilíngues (sáliba e espanhol), disponíveis sob o título de “Projeto Sáliba” em <http://www.shinealight.org/spanish/saliva.html>.

² Os Llanos se estendem entre a margem esquerda do Orinoco e os flancos orientais dos Andes, prolongando-se até o delta do mesmo rio. A fronteira colombiano-venezuelana cruza os Llanos Ocidentais. Trata-se de uma planície coberta de savanas e matas-galeria, cujo clima alterna regularmente uma estação chuvosa com outra seca. É uma região que parece assemelhar-se com os cerrados e florestas-galeria do centro-oeste do Brasil, inclusive pela frequência da palmeira *moriche* (*Mauritia flexuosa*), do mesmo gênero de nossa palmeira buriti (*Mauritia vinifera*). (Melatti, 1997, p. 1)

³ *Statel Stuk* trata-se de um trabalho videográfico no qual as crianças maya mostram uma visão sobre si mesmas, incluindo seu modo de pensar, agir e se representarem. Alguns líderes maya organizados queriam mostrar as dificuldades que seu povo enfrentava vivendo num meio urbano, turístico, fora da aldeia.

⁴ Segundo o “Plan de Vida Pueblo Sáliba. Sueños de Pervivencia”, documento formulado pela Asociación de Autoridades Indígenas Sálibas de Orocué (ASAISOC) em 2004, enviado a nós antes de visitarmos a reserva, os Sáliba dividem as idades da seguinte forma: menores de um ano, menores de 5 anos, entre 5 e 18 anos, entre 18 e 60 anos e, finalmente os maiores, considerados anciões.

⁵ Expressão usada por alguns sáliba para referir-se aos aspectos simbólicos e práticos, essenciais ao conhecimento e hábitos sáliba, não evidentes por si, como as prescrições.

⁶ Trata-se de uma espécie de saco feito de filamentos de palma de moriche, conhecida no Brasil como buriti, que serve para espremer massa de aipim ou milho, separando a água nela contida, secando a mesma para o fabrico de alimentos. Para mais detalhes sobre o artesanato sáliba, ver “Artesania Sáliba: *Roba índia e Sibucán*”.

⁷ In Memoriam. Sr Juan Joropa faleceu em 2009.

Referências

MELATTI, Júlio César. Llanos. In: _____. *Línguas indígenas brasileiras*. [s.l.]: [s.n.], 1997. (Cap. 6). Disponível em: <<http://orbita.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s/ias/ias0106/06llanos.htm>>. 1997. Acesso em: 15 dez. 2009.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 113-119.

Recebido em 13 de janeiro de 2010.

Aprovado para publicação em 8 de fevereiro de 2010.